



CAPÍTULO 1

EXPOSIÇÃO DE “HUMANISMO CRISTÃO” DE JACQUES MARITAIN

André Ricardo Randazzo Gomes

INTRODUÇÃO

Neste capítulo, procurarei fazer uma exposição de “Christian humanism” – “Humanismo cristão”, que é o décimo quarto capítulo do livro *The range of reason* (New York: Charles Scribner’s Sons, 1952), de Jacques Maritain. Para isso, apresentarei as principais teses do texto, fazendo algo próximo de uma tradução, sem adicionar comentários. Maritain pretende mostrar que, se hoje vier a existir uma nova era do Cristianismo, a imagem do homem que ela terá será diferente da imagem do homem medieval e da imagem do homem moderno, embora retenha certas características destas duas. Isso é tratado com mais detalhes no livro de Maritain intitulado *Humanismo integral: Problemas temporais e espirituais de uma nova cristandade* (Tradução de Margarida Hulshof. São Paulo: Cultor de livros, 2018). O texto é dividido por Maritain em sete seções, que passo agora a apresentar.

1. A SECULARIZAÇÃO DA IMAGEM CRISTÃ DO HOMEM

Em todo grande período da civilização, predomina alguma imagem do homem que é elaborada pelo próprio homem. O comportamento do homem depende da natureza humana e de tal imagem. Essa imagem é compreendida claramente por alguns pensadores representativos e de maneira mais ou menos inconsciente pelas massas, e ela é capaz de moldar as formações sociais e políticas de sua época cultural.

Em linhas gerais, a imagem do homem que reinou na Cristandade medieval era baseada em São Paulo e em Santo Agostinho. Essa imagem desintegrou-se com a Reforma e o Renascimento, isto é, dilacerou-se em meio a um completo pessimismo cristão que se desesperava com a natureza humana e a um completo otimismo cristão que contava mais com o esforço humano do que com a graça divina. A imagem do homem que reinou nos tempos modernos era baseada em Descartes, em John Locke, no Iluminismo e em Rousseau.

Com isso, a imagem do homem se secularizou. O homem do racionalismo cartesiano era uma pura mente concebida como um anjo. O homem da Religião Natural era um cavalheiro cristão que não precisava da graça nem da revelação e que se tornava virtuoso pela sua própria natureza. O homem de Rousseau era o homem de São Paulo transferido ao plano da natureza pura. Ele seria redimido e libertado não por Cristo, mas pela bondade da natureza humana, que deve ser restaurada pela educação e deve revelar-se na Cidade do Homem dos próximos séculos.

Esse foi um processo de secularização da imagem do homem cristão, do homem que foi elevado acima da natureza por Deus e chamado a uma perfeição divina. Assim, o homem foi trazido de volta ao reino do próprio homem, originando o humanismo antropocêntrico, mantendo uma fachada cristã e substituindo o Evangelho pela razão humana e esperando da natureza humana o que se esperava da virtude de Deus. Enormes promessas foram feitas ao homem na aurora dos tempos modernos. Acreditou-se que a ciência iria libertar o homem e torná-lo possuidor de toda a natureza. Um progresso automático e necessário iria conduzi-lo ao reino terreno da paz, àquela Jerusalém que nossas mãos iriam construir pela transformação da vida social e política, onde o homem se tornaria o supremo senhor de sua própria história, e cuja irradiação iria despertar a esperança e a energia dos grandes revolucionários modernos.

2. O HOMEM MODERNO

Para esclarecer os resultados finais de tal processo de secularização, seria preciso descrever a progressiva perda de todas as certezas que provinham da compreensão metafísica ou da fé religiosa e que davam realidade à imagem do homem da Cristandade. Houve também o fracasso da razão filosófica que foi incapaz de sustentar a sua própria pretensão metafísica e a sua própria justificação do homem cristão secularizado e que foi obrigada a decair para uma negação positivista desta mesma justificação. A razão humana perdeu a sua compreensão do ser e se dispôs apenas a fazer a leitura matemática dos fenômenos sensitivos e a construir técnicas materiais.

O homem moderno, que já está ficando obsoleto, conheceu verdades, como por exemplo as verdades relativas e mutáveis da ciência, mas sem qualquer verdade supra-temporal alcançada pela metafísica ou pela fé. O homem moderno reivindicou direitos humanos e dignidade humana, mas sem Deus, pois os fundamentou na autonomia infinita da vontade humana, que qualquer regra externa ofenderia e destruiria. O homem moderno confiou na paz e na fraternidade, mas sem Cristo, pois não precisava de um redentor, mas se salvaria por si mesmo sozinho, e o seu amor pela humanidade não precisava fundar-se na caridade divina. O homem moderno progrediu na direção do bem e da posse da terra, mas sem enfrentar o mal na terra,

pois não acreditava na existência do mal, visto que o mal seria apenas um estágio imperfeito na evolução, a qual viria a transcendê-lo. O homem moderno desfrutou da vida humana e adorou a vida humana como tendo um valor infinito, mas sem possuir uma alma, pois a alma era apenas um conceito não-científico.

Quanto à civilização, o homem moderno tinha no estado burguês uma vida social e política, uma vida em comum, mas sem bem comum ou trabalho comum, pois o propósito da vida comum consistia apenas na preservação da liberdade de todos para desfrutar da propriedade privada, adquirir riqueza e buscar o seu próprio prazer. O homem moderno acreditou na liberdade, mas sem o autodomínio ou a responsabilidade moral, pois o livre-arbítrio era incompatível com o determinismo científico. Ele acreditou na igualdade, mas sem justiça, pois a justiça também era uma ideia metafísica que havia perdido fundamento racional na perspectiva biológica e sociológica. O homem moderno colocou sua esperança no maquinismo, na técnica e na civilização industrial, mas sem sabedoria para dominá-las e colocá-las a serviço do bem humano, pois ele esperou que a liberdade viria do próprio desenvolvimento das técnicas e não de um esforço ascético na direção da posse interior do eu.

E quanto ao dinamismo interno da vida humana, o homem moderno buscou a felicidade, mas sem qualquer fim último a ser almejado e sem qualquer padrão racional a ser aderido, e assim o conceito ou a força motivadora mais natural, que é a felicidade, foi desvirtuada pela perda do conceito e do senso de propósito ou finalidade. A felicidade se tornou o próprio movimento em direção à felicidade, um movimento ilimitado e cada vez mais estagnado. E o homem moderno buscou a democracia, mas sem qualquer tarefa heroica de justiça a ser realizada e sem qualquer amor fraternal do qual obter inspiração. O avanço político mais significativo dos tempos modernos, que foi o conceito dos direitos da pessoa humana e dos direitos do povo, foi desvirtuado pela mesma perda do conceito e do sentido de propósito ou finalidade e pelo repúdio ao fermento evangélico que age na história humana, e assim a democracia tendeu a se tornar uma incorporação da vontade soberana do povo na maquinaria de um estado burocrático cada vez mais irresponsável e dormente.

3. A CRISE DE NOSSA CIVILIZAÇÃO

Os resultados da secularização da imagem do homem nos tempos modernos foram ruins. Porém, na realidade concreta da história humana, ocorreu um processo de crescimento e de grandes conquistas, o qual se deveu ao movimento natural da civilização e ao impulso evangélico em direção ao ideal democrático. A civilização do século 19 permaneceu cristã em seus princípios, embora esquecidos; ela reteve a liberdade religiosa e a ênfase na razão; e reteve o sentimento secularizado, que inspirou avanços sociais e políticos.

Entretanto, foi aumentando a disparidade entre o comportamento real do mundo cristão secularizado e os princípios espirituais e morais que davam significado e consistência a ele. Assim, tal mundo foi esvaziando-se de seus princípios e tendeu a se tornar um universo de palavras, vivendo por hábito e pela força do passado e não por sua própria força. Ele era capitalista e alcançou grandes conquistas sobre a natureza material. Mas, como observou Werner Sombart, o homem desta era não era nem "ontológico" nem "erótico", ou seja, ele havia perdido o senso do ser e do amor.

Apesar de tal imagem desfigurada do homem, a nossa civilização porta em sua substância a herança sagrada de valores divinos e humanos que se baseia na luta de nossos antepassados pela liberdade, na tradição judaico-cristã e na antiguidade clássica. Ela se enfraqueceu em sua eficiência, mas não foi destruída em suas reservas potenciais.

Na presente crise, nós esquecemos os princípios verdadeiros e autênticos, mas de maneira mais ou menos consciente sentimos a fraqueza da ideologia insubstancial que os parasita.

4. AS ILUSÕES MARXISTA E RACISTA

Os grandes movimentos revolucionários que reagiram contra o nosso mundo cristão secularizado agravaram o mal e o levaram ao ápice. Pois eles romperam definitivamente com os valores cristãos, realizando uma oposição doutrinal e uma oposição existencial ao Cristianismo e à ação de Cristo no centro da história humana.

Um primeiro desdobramento prolongou e acentuou a tendência da razão secularizada, do "humanismo antropocêntrico", na direção das esperanças racionalistas, consideradas não apenas como uma ideologia filosófica, mas como uma religião vivida. Esse desdobramento surge a partir do princípio de que o homem sozinho e por si mesmo realiza a sua salvação.

O caso mais puro dessa tendência é o marxismo. Embora sejam fortes alguns aspectos pessimistas do marxismo, ele permanece vinculado a esse postulado. O materialismo marxista permanece racionalista, tanto que, para ele, o movimento próprio da matéria é dialético.

Se o homem sozinho e por si mesmo realiza a sua salvação, então essa salvação é puramente temporal e deve ser realizada sem Deus e até mesmo contra Deus, visto que qualquer coisa que, no homem, porte a semelhança de Deus é chamada de "alienação". Essa salvação exige o abandono da personalidade e a organização do homem coletivo em um único corpo cujo destino supremo é ganhar domínio sobre a matéria e sobre a história humana. Assim, considera-se que o homem não é mais a criatura e a imagem de Deus, nem uma personalidade que tem livre-arbítrio

e responsabilidade sobre um destino eterno, nem um ser que possui direitos e é chamado à conquista da liberdade e à autorrealização que consiste no amor e na caridade. Ele é uma partícula do todo social e vive na consciência coletiva do todo e a sua felicidade e liberdade reside em servir ao trabalho do todo. Este todo é um todo econômico e industrial, e o seu trabalho essencial é a dominação industrial sobre a natureza, em favor do todo que é o único valor absoluto e não tem nada acima dele. Há uma sede de comunhão, mas esta é buscada na atividade econômica, na pura produtividade, que é considerada como o paraíso e a única finalidade genuína do esforço humano, mas é o mundo de uma razão decapitada, que não busca mais a verdade. A pessoa humana é sacrificada em favor do titanismo da indústria, que é o deus da comunidade meramente industrial.

A razão racionalista se dissolve na intoxicação com a matéria, e assim entra em um processo de auto-degradação. Então, no materialismo marxista, o otimismo racionalista vem a coincidir, em muitos aspectos, com outro desdobramento, que se baseia em uma tendência oposta e que pode ser descrita como uma reação completa contra todo tipo de racionalismo e humanismo. As raízes deste outro desdobramento são pessimistas e ele corresponde a um processo de animalização da imagem do homem, no qual uma metafísica amorfa se vale de interpretações errôneas de dados científicos e sociológicos para satisfazer um ressentimento oculto contra a razão e contra a dignidade humana. De acordo com essa tendência, a espécie humana é apenas um galho que brotou por acaso na árvore genealógica dos macacos; e todos os nossos sistemas de ideias e valores são apenas epifenômenos da evolução social do clã primitivo ou a superestrutura ideológica determinada pela luta de interesses de classes e por ambições imperialistas. Todo o nosso comportamento aparentemente racional e livre é apenas uma aparência ilusória que emerge do inferno do nosso inconsciente e do instinto. Todas as nossas atividades aparentemente espirituais, a criação poética, a piedade humana, a fé religiosa, o amor contemplativo, são apenas a sublimação da libido sexual ou um fruto da matéria. Tão logo o homem seja desmascarado, a face da besta aparece. A especificidade humana, que o racionalismo havia feito desaparecer no puro espírito, agora desaparece na animalidade.

No entanto, este desdobramento tem suas verdadeiras fontes em algo muito mais profundo, que começou a se revelar na segunda metade do século 19: angústia e desespero. Um abismo mais profundo do que a animalidade aparece no desmascaramento do homem. Após ter abandonado Deus para ser autossuficiente, o homem perdeu o rumo de sua alma. Ele busca a si mesmo em vão, vira o universo de ponta-cabeça tentando encontrar-se, encontra máscaras, e, por trás das máscaras, a morte.

Assim, testemunha-se o espetáculo de uma onda de irracionalidade, de ódio à inteligência, do despertar de uma trágica oposição entre vida e espírito. Para superar o desespero, Nietzsche proclamou o advento do super-homem da vontade de poder, da morte da verdade, da morte de Deus. Vozes terríveis, as vozes de uma multidão vil gritam: basta de otimismo mentiroso e de moralidade ilusória, basta de liberdade e de dignidade pessoal e de justiça e de paz e de fidelidade e de bondade que nos deixaram loucos com aflição; aceitemos as infinitas promessas do mal, da morte, da escravização e do desespero!

O caso mais puro dessa tendência foi o racismo nazista. Ele se baseou não em uma idolatria da razão que termina no ódio a todo valor transcendent, mas em um misticismo do instinto e da vida que termina no ódio à razão. Para ele, a inteligência só tem utilidade para desenvolver técnicas de destruição e perverter a função da linguagem. A sua religiosidade demoníaca tentou perverter a própria natureza de Deus e fazer de Deus um ídolo. Ela invocou Deus, mas como um espírito protetor vinculado à glória de um povo ou estado, ou como um demônio da raça. Um deus que terminará sendo identificado com uma força invencível em operação no sangue, tal deus foi colocado contra o Deus do Sinai e contra o Deus do Calvário, contra aquele cuja lei rege a natureza e a consciência humana, contra o Deus que é dito ser amor.

Assim, considera-se que o homem não é mais a criatura e imagem de Deus, nem uma pessoa animada por uma alma espiritual e dotada de livre-arbítrio, e responsável por um destino eterno, e que possui direitos e é chamada à conquista da liberdade e a uma autorrealização que consiste no amor e na caridade. Essa imagem desfigurada do homem tem raízes em um pessimismo guerreiro. O homem é uma partícula do todo político, e vive pelo "espírito do povo", mas mesmo esse todo coletivo não tem mais qualquer atrativo de felicidade e liberdade e emancipação universal, mas apenas de poder e autorrealização através da violência. A comunhão é buscada na glorificação da raça e em um ódio comum a algum inimigo, no sangue animal, o qual, separado do espírito, não é mais do que um inferno biológico. A pessoa humana é sacrificada ao demônio do sangue, que é o deus da comunidade de sangue.

Do comunismo e do racismo não se pode esperar nada além de desespero humano. De um lado, o racismo, com sua base irracional e biológica, rejeita todo universalismo e rompe até mesmo a unidade natural da raça humana, para impor a hegemonia de uma essência racial considerada superior. De outro lado, o comunismo é o estado final do racionalismo antropocêntrico. Em virtude da universalidade inerente à razão, mesmo à razão enlouquecida, o comunismo sonha com uma emancipação abrangente e pretende substituir o universalismo do Cristianismo pelo seu próprio universalismo terreno, o universalismo do Engano e do Terror e do sacrifício do homem ao deus cego da história.

5. A IDEIA DE UMA NOVA CIVILIZAÇÃO CRISTÃ

A única maneira de regenerar a comunidade humana é pela redescoberta da verdadeira imagem do homem e pela tentativa em direção a uma nova civilização cristã, uma nova Cristandade. Os tempos modernos buscaram muitas coisas boas por caminhos errados. Agora deve-se buscar essas coisas boas por caminhos certos e salvar os valores humanos e as realizações humanas e ter a coragem e a audácia de propor para nós mesmos uma grande tarefa de renovação, de transformação interna e externa. Um covarde foge para trás, para longe de coisas novas. O corajoso vai para a frente, em meio às coisas novas.

Na ordem da civilização temporal, os cristãos se encontram hoje diante de problemas semelhantes àqueles diante dos quais os seus antepassados se encontravam nos séculos 16 e 17. Naquela época, a física e a astronomia em nascimento estavam juntas com os sistemas filosóficos elaborados contra a tradição cristã. Os defensores dessa tradição não sabiam fazer a distinção necessária; colocaram-se contra a ciência moderna e contra os erros filosóficos que a parasitavam. Foram precisos três séculos para se desfazer tal mal-entendido. Seria desastroso hoje cair novamente em erros semelhantes no campo da filosofia da civilização. A verdadeira substância das aspirações do século 19, e os ganhos humanos alcançados por elas, devem ser salvos de seus erros e da agressão da barbárie totalitária. Deve-se construir um mundo de humanismo genuíno e de inspiração cristã.

Uma nova civilização cristã será bem diferente da civilização medieval, embora o Cristianismo esteja na raiz de ambas. Pois o clima histórico da Idade Média e os tempos modernos são totalmente diferentes. Em resumo, a civilização medieval, cujo ideal histórico era o Sacro Império, constituía uma civilização cristã "sacral", na qual as coisas temporais, a razão filosófica e científica, e os poderes reinantes, eram órgãos subservientes ou instrumentos de coisas espirituais, da fé religiosa e da Igreja. No curso dos séculos seguintes, as coisas temporais ganharam uma posição de autonomia, e isso foi um processo normal. O infortúnio foi que esse processo foi desvirtuado, e em vez de ser um processo de distinção em favor de uma forma melhor de união, ele cada vez mais separou a civilização terrena da inspiração evangélica.

Uma nova era da Cristandade, se ela vier, será uma era de reconciliação daquilo que estava separado, a era de uma civilização cristã "secular", na qual as coisas temporais, a razão filosófica e científica, e a sociedade civil, terão sua autonomia e reconhecerão o papel vivificante e inspirador que as coisas espirituais, a fé religiosa e a Igreja desempenham desde o seu plano superior. Então, uma filosofia cristã da vida guiaria uma comunidade que seria vitalmente e não decorativamente cristã, uma comunidade de direitos humanos e da dignidade da pessoa humana, na qual homens pertencentes a descendências raciais diversas e a linhagens espirituais diversas trabalhariam em uma tarefa temporal comum que seria verdadeiramente humana e progressiva.

Desde o final da Idade Média, um momento em que a criatura humana, acordando para si mesma, sentiu-se oprimida e esmagada em sua solidão, os tempos modernos ansiam por uma reabilitação da criatura humana. Eles buscaram essa reabilitação em uma separação em relação a Deus. Mas deveria ser buscada em Deus. A criatura humana reivindica o direito de ser amada, e só pode ser realmente amada em Deus. Ela deve ser respeitada na sua conexão com Deus e porque recebe tudo, incluindo sua dignidade, de Deus. Após a grande desilusão do "humanismo antropocêntrico" e a experiência atroz do anti-humanismo de nossa época, o mundo precisa de um novo humanismo, um humanismo "teocêntrico" ou integral, que consideraria o homem em toda a sua grandeza natural e fraqueza, na totalidade de seu ser ferido habitado por Deus, na completa realidade da natureza, do pecado e da santidade. Tal humanismo reconheceria tudo o que é irracional no homem, a fim de domá-lo com a razão, e tudo o que é supra-racional, a fim de ter a razão vivificada e de abrir o homem à descida do divino nele. O seu trabalho principal seria fazer com que o fermento e a inspiração do Evangelho penetre nas estruturas seculares da vida, um trabalho de santificação da ordem temporal.

Esse "humanismo da Encarnação" se preocuparia com as massas, com o seu direito a uma condição temporal digna do homem e à vida espiritual, e com o movimento que conduz o trabalho à responsabilidade social de seu amadurecimento. Ele tenderia a substituir a civilização materialista-individualista e o sistema econômico baseado na fecundidade do dinheiro, não por uma economia coletivista, mas por uma democracia cristã-personalista. Essa tarefa se une ao esforço crucial de hoje para preservar a liberdade em relação à agressão totalitária e se une a um trabalho simultâneo de reconstrução que requer não menos vigor. Ela também se une a um despertar completo da consciência religiosa. Uma das piores doenças do mundo moderno é o seu dualismo, a dissociação entre as coisas de Deus e as coisas do mundo. Estas últimas, as coisas da vida social, econômica e política, foram abandonadas à sua própria lei carnal e removidas das exigências do Evangelho. O resultado é que tornou-se cada vez mais impossível viver com tais exigências. Ao mesmo tempo, a ética cristã, não permeando a vida social do povo, tornou-se, no comportamento cultural geral, um universo de fórmulas e palavras, e esse universo tornou-se subserviente, no comportamento prático, às energias reais desse mesmo mundo temporal que é existencialmente desvinculado de Cristo.

Ademais, a civilização moderna, que hoje paga caro pelo passado, parece impulsionada pela autocontradição e pelas compulsões cegas que sofre em direção a formas contrastantes de miséria e materialismo intensificado. Para nos elevarmos acima dessas compulsões cegas, precisamos de um despertar da liberdade e de suas forças criativas. O homem não se torna capaz desse despertar por graça do estado ou de qualquer pedagogia partidária, mas por aquele amor que fixa o centro da

vida infinitamente acima do mundo e da história temporal. A paganização geral de nossa civilização fez com que o homem colocasse a sua esperança na força sozinha e na eficácia do ódio. Porém, para o humanismo integral, a única coisa capaz de dirigir o trabalho de regeneração social é um ideal político de justiça e amizade cívica, que requer vigor político e equipamento técnico e é inspirado pelo amor.

6. A VERDADEIRA IMAGEM DO HOMEM

No humanismo integral, a imagem do homem é aquela de um ser feito de matéria e espírito, cujo corpo pode ter emergido da evolução histórica das formas animais, mas cuja alma imortal procede diretamente da criação divina. Ele é feito para a verdade, é capaz de conhecer pela sua razão Deus como a causa do ser e de conhecer pelo dom da fé Deus em sua vida íntima. A dignidade do homem é aquela de uma imagem de Deus, e os seus direitos e deveres derivam da lei natural, cujas exigências expressam o plano eterno da sabedoria criativa na criatura. O homem, ferido pelo pecado e pela morte no primeiro pecado de sua raça, cujo fardo pesa sobre todos nós, torna-se, por Cristo, membro da raça e linhagem de Deus, vivendo pela vida divina, e chamado a entrar, pelo sofrimento e amor, na própria obra de redenção efetuada por Cristo. Por outro lado, chamado pela sua natureza a desenvolver historicamente as suas potencialidades internas, realizando pouco a pouco a dominação da razão sobre a sua própria animalidade e sobre o universo material, o seu progresso na terra não é automático ou meramente natural, mas é realizado com liberdade e com a ajuda interior de Deus, e constantemente desvirtuado pelo poder do mal, que é o poder de espíritos criados de injetar o nada no ser, e que tende incessantemente a degradar a história humana, enquanto incessantemente e com maior força as energias criativas da razão e do amor revitalizam e elevam essa mesma história.

O nosso amor natural a Deus e ao ser humano é frágil; só a caridade recebida de Deus como participação na vida dele faz com que o homem ame a Deus eficazmente acima de tudo e a cada pessoa humana em Deus. Assim, o amor fraternal traz à terra o fogo da vida eterna, que é o verdadeiro pacificador, e deve vivificar desde dentro a virtude natural da amizade, que é desconsiderada por tantos tolos e é a própria vida das comunidades sociais. O sangue do homem é de valor infinito e deve ser derramado pelas estradas da humanidade “para redimir o sangue do homem”. Por um lado, nada no mundo é mais precioso do que uma única pessoa humana. Por outro lado, não há nada que o homem exponha mais voluntariamente a todo perigo do que o seu próprio ser, e essa condição é normal. O significado desse paradoxo é que o homem sabe muito bem que a morte não é um fim, mas um começo. A vida perecível do homem é algo naturalmente sagrado, mas muitas coisas são ainda mais preciosas: o homem pode ser requisitado a sacrificá-la por devoção ao seu próximo

ou pelo seu dever ao seu país. Ademais, uma única palavra é mais preciosa do que a vida humana, se ao pronunciá-la um homem desafia um tirano em prol da verdade ou da liberdade. Quanto à vida imperecível do homem, aquela vida que o torna "um deus por participação" e que, começando aqui embaixo, consistirá em ver a Deus face a face, nada no mundo é mais precioso do que a vida humana. E quanto mais um homem se dá, mais ele torna essa vida intensa dentro dele. Todo auto-sacrifício, todo dom de si mesmo, implica, mesmo um pouco, um morrer por aquele que amamos. O homem que sabe que, "afinal, a morte é apenas um episódio", está pronto para se dar com humildade, e nada é mais humano e mais divino do que o dom de si mesmo, pois "é mais abençoado dar do que receber".

Quanto à civilização, o homem do humanismo cristão sabe que a vida política almeja um bem comum que é superior à mera coleção dos bens dos indivíduos e que deve reverter sobre as pessoas humanas. Ele sabe que o trabalho comum deve tender sobretudo à melhoria da própria vida humana, possibilitando que todos existam na terra como homens livres e desfrutem dos frutos da cultura e do espírito. Ele sabe que a autoridade daqueles que são encarregados do bem comum e que são, em uma comunidade de homens livres, designados pelo povo e respondem ao povo, origina-se no Autor da Natureza e portanto vincula na consciência, desde que tal autoridade seja justa. O homem do humanismo cristão aprecia a liberdade como algo do qual ele deve ser digno; ele realiza a sua igualdade essencial com outros homens em termos de respeito e companheirismo, e vê na justiça a força de preservação da comunidade política e o pré-requisito que, "trazendo desiguais à igualdade", possibilita a emergência da amizade cívica. Ele é ciente da tremenda provação que o advento do maquinismo impõe à história humana, e do maravilhoso poder de libertação que este oferece ao homem, se o instinto bruto de dominação não se valer das técnicas do maquinismo e da ciência para escravizar a humanidade, e se a razão e a sabedoria forem fortes o bastante para colocá-las a serviço de finalidades verdadeiramente humanas e aplicar a elas os padrões da vida humana. O homem do humanismo cristão não busca uma civilização meramente industrial, mas uma civilização integralmente humana (mesmo que seja industrial quanto às condições materiais) e de inspiração evangélica.

7. O MOVIMENTO VERTICAL E O MOVIMENTO HORIZONTAL NA VIDA DO HOMEM

E quanto ao dinamismo interno da vida humana, o homem do humanismo cristão tem um fim último, Deus a ser visto e possuído, e ele tende à auto-perfeição, que é o principal elemento daquela felicidade imperfeita que é acessível para ele na existência terrena. Assim, a vida tem significado e uma direção para ele, e ele pode crescer no caminho, sem desviar e oscilar e sem permanecer espiritualmente como

uma criança. Essa perfeição à qual ele tende não é a perfeição de um atletismo estoico, no qual um homem se faria impecável, mas é a perfeição do amor, do amor ao Outro que ele ama mais do que a si mesmo, e ao qual ele anseia sobretudo se unir e amar ainda mais, mesmo que no processo ele carregue consigo imperfeições e fraquezas. Nessa perfeição evangélica é que reside a liberdade perfeita, que deve ser conquistada por esforço ascético, mas que é finalmente dada por Aquele que é amado e que foi o primeiro a nos amar.

Entretanto, esse movimento vertical em direção à união divina e à auto-perfeição não é o único movimento envolvido no dinamismo interno da vida humana. O segundo, o movimento horizontal, se refere à evolução da humanidade e revela progressivamente a substância e as forças criativas do homem na história. O movimento horizontal da civilização, quando dirigido às suas autênticas finalidades temporais, ajuda o movimento vertical das almas. E sem o movimento das almas em direção à sua finalidade eterna, o movimento da civilização perderia a carga de energia espiritual, a pressão humana e a radiação criativa que a anima em direção à sua realização temporal. Para o homem do humanismo cristão, a história tem um significado e uma direção. A progressiva integração da humanidade também é uma progressiva emancipação da servidão humana e da miséria e das restrições da natureza material. O ideal supremo que o trabalho político e social na humanidade tem de almejar é a inauguração de uma cidade fraternal, que não implica a esperança de que todos os homens irão algum dia ser perfeitos na terra e amar-se fraternalmente, mas a esperança de que o estado existencial da vida humana e as estruturas da civilização irão se aproximar de sua perfeição, cujo padrão é a justiça e a amizade, visto que uma finalidade só pode ser uma perfeição. O ideal supremo é o de uma democracia genuína, o da nova democracia que estamos esperando. Ele requer não só o desenvolvimento de poderoso equipamento técnico e de uma firme e racional organização político-social nas comunidades humanas, mas também uma heroica filosofia de vida e o vivificante fermento interior de inspiração evangélica. É para avançar na direção de tal ideal que a comunidade deve ser forte. A inauguração de uma vida comum que responda à verdade de nossa natureza, à liberdade a ser alcançada, e à amizade a ser instaurada no centro de tal civilização vivificada por virtudes superiores às virtudes cívicas, tudo isso define o ideal histórico pelo qual os homens podem ser solicitados a trabalhar, lutar e morrer. Contra os mitos enganosos lançados pelos poderes da ilusão, uma esperança maior e mais vasta deve se elevar, uma promessa mais audaz deve ser feita à raça humana. A verdade da imagem de Deus, tal como é naturalmente impressa em nós, a liberdade e a fraternidade não estão mortas. Se a nossa civilização luta contra a morte, a razão não é que ela ousa demais e propõe demais aos homens. A razão é que ela não ousa o bastante nem propõe o bastante a eles. Ela reviverá, uma nova civilização virá à vida, desde que ela espere, queira e ame verdadeiramente e heroicamente a verdade, a liberdade e a fraternidade.